

PRIMEIRA LINHA CONCENTRAÇÃO DE CLUBES

Paul Chirk/Reuters



Os novos donos do Chelsea preparam-se para ir às compras de clubes em ligas periféricas. Portugal e Bélgica estão na linha da frente.

Grupos de clubes no futebol? Más notícias para os 3 grandes

A intenção anunciada pelo novos donos do Chelsea, de comprar mais equipas, faz parte de uma tendência crescente no futebol europeu. A prazo, a lógica dos conglomerados pode ameaçar o modelo de negócio de Benfica, Sporting e Porto, assente na exportação de talento por muitos milhões.

VÍTOR RODRIGUES OLIVEIRA
vitoroliveira@negocios.pt

Para que comprar jogadores já maturados, por dezenas de milhões de euros, se eles podem ser formados e desenvolvidos em ambiente controlado?

Há muito que os clubes portu-

gueses, em particular os três grandes, perceberam que apostar nos jovens talentos seria parte da solução para salvar o negócio. Apesar de, anualmente, Benfica, Porto e Sporting gastarem em conjunto largos milhões em transferências, o dinheiro que poupam por apostar nesses jovens talentos das academias, e o dinheiro que depois ganham por vendê-los a preços exorbitantes, é essencial para manter as contas no verde. É, mesmo assim, nem sempre com sucesso. Em todo o caso, somando ao di-

nheiro que estes clubes recebem da Liga dos Campeões, as transferências são a grande boia de salvação.

Só que este modelo de negócio, que tem vivido de transferências cada vez mais avultadas, pode ter um sério desafio a prazo. Atualmente, equipas como o Chelsea ou o PSG já têm uma forte aposta nas respetivas academias, mas há, em simultâneo, um movimento que pode ameaçar a rentabilidade dos três grandes: a lógica de grupo, sob alçada de um mesmo investidor ou consórcio, em que

vários clubes de futebol servem de plataforma uns para os outros.

O maior exemplo é o City Football Group, que detém 10 equipas em todo o mundo, incluindo o Manchester City. Mas não é o único – e o movimento está para durar.

Prova disso é que, a partir de Inglaterra, o Chelsea servirá em breve de pivô para um grupo mais alargado de equipas, com o plano de ter jovens talentos a rodar em ligas periféricas mas competitivas, como a portuguesa, em ambiente

“

[A aposta em grupos económicos com vários clubes] é mau para os clubes portugueses.

PEDRO BRINCA
Economista da Nova SBE

“caseiro”, num clube que tem a mesma cultura ou metodologias do que a “casa mãe”.

“Uma ameaça”, sobretudo a prazo

“Este tem sido o modelo de negócio do Benfica, Porto e Sporting e temos sido os melhores do mundo”, constata Pedro Brinca, economista da NovaSBE. “Se os outros clubes a quem nós fornecemos normalmente jogadores já não precisam que eles cresçam nos três grandes portugueses, mas sim em clubes satélite desses clubes de primeira linha”, conseguindo também, por essa via, obter talento a baixo custo, “isso é mau para os clubes portugueses”.

“Isto é uma ameaça”, concorda o advogado Luís Miguel Henriques. Na próxima década, não será razão para grandes preocupações, acredita, tendo em conta o conhecimento acumulado pelos clubes portugueses, que continuará a fazer a diferença nos próximos anos. Mas “se isto começar a ser bem pensado, bem trabalhado, eles vão começar a buscar parte dos quadros aos clubes portugueses” nas diferentes áreas que são essenciais numa academia de futebol.

Miguel Farinha, consultor da EY, acredita que “as grandes transferências, acima dos cem milhões de euros, vão continuar a acontecer desde que sejam criados os jogadores certos e no momento certo”, mas, ao ser alargada a base de recrutamento e formação de qualidade a nível global, “provavelmente, a seguir, esses clubes não precisam de comprar tantos jogadores”.

Tendo em conta que o modelo português “é alavancado na formação”, a continuação desta tendência de grupos económicos concentrarem vários clubes pode gerar “uma concorrência

muito maior nessa área”, acrescenta o consultor da EY.

E não é só na formação de base – a concorrência em relação ao scouting no país pode também vir a ser maior, tendo em conta a maior proximidade. “Um jogador formado no Farense, em vez de ir para um Benfica, Porto ou Sporting, se calhar, passa a ir para o Chelsea se houver uma equipa do Chelsea em Portugal”, afirma Miguel Farinha.

“Comprar as plantações de cacau”

“O negócio tem dois grandes modelos, completamente distintos, mas que podem ser complementares”, sublinha Luís Miguel Henriques: “O negócio do entretenimento e o da formação.”

O primeiro é alimentado por clubes que geram receitas consideráveis por via de direitos televisivos, bilhética e merchandising. Fazem parte das mais importantes ligas europeias e têm acesso a receitas que lhes permitem adquirir jogadores de topo com regularidade. O segundo é típico, sobretudo, de clubes e ligas periféricas que, sem acesso a esse tipo de receitas, têm nas transferências uma forma de alavancar o negócio.

O que é agora diferente, considera o advogado, é que “um grupo global olha para isto de forma global” – para uma operação verticalizada: “Eu quero estar nas duas áreas de negócio”. Se isto fosse uma unidade transformadora, compro cacau, transformo em chocolate e vendo no mercado de luxo”, exemplifica. Ou, simplesmente, “posso comprar as plantações de cacau”.

Neste caso, não é para venda posterior, mas para aproveitamento das grandes equipas, como o Chelsea, para não terem de pagar somas astronómicas pelas matérias-primas. ■

Chelsea, o novo pivô de mais um império do futebol europeu

Os novos donos do Chelsea ainda nem deixaram assentar a poeira e já querem expandir o império. Têm Portugal e Bélgica na mira para as próximas aquisições.

Cerca de um ano após ter conquistado a Liga dos Campeões, no Estádio do Dragão, o Chelsea tomara-se num efeito colateral da guerra. Roman Abramovich, que detinha o clube há quase 20 anos, desde 2003, acelerou a venda do clube londrino a seguir à invasão por estar incluído na lista de magnatas russos que têm relações estreitas com Vladimir Putin.

E assim, em maio último, o Chelsea mudou de mãos – depois de Portugal autorizar a venda, porque Abramovich tem passaporte português. O consórcio, que junta o empresário americano Todd Boehly ao grupo de investimento Clearlake Capital, pagou cerca de 5 mil milhões de euros.

Com o dinheiro fresco vieram novas ideias. Boehly, o novo “chairman” do clube, está já a tentar convencer os ingleses de que são necessários jogos complementares de entretenimento – “all-star” e Norte vs. Sul, ambos comuns em vários desportos americanos – para aumentar as receitas.

E, soube-se na semana passada, o consórcio quer comprar outros clubes para desenvolver jovens talentos noutras paragens, antes de regressarem a casa.

Pelo caminho ficou Thomas Tuchel, o treinador que deu a segunda Champions ao clube, porque “não estava alinhado” com o novo projeto, segundo Boehly.

Portugal, uma vez mais

Em 2004, quando Abramovich se aliou a Jorge Mendes para colocar o Chelsea num novo patamar, tirando José Mourinho ao FC Porto, teria início uma vaga de transferências milionárias sem precedentes até então na Liga portuguesa. Ricardo Carvalho e Pau-



O desafio, quando temos estrelas de 18, 19 ou 20 anos, é que podemos emprestá-las, mas colocamos o seu desenvolvimento nas mãos de outros. Queremos ter certeza de que mostramos caminhos para as nossas jovens estrelas.



TODD BOEHLY

“Chairman” e coproprietário do Chelsea.

lo Ferreira foram os dois primeiros, acompanhando o “special one”. E, desde então, um total de 11 jogadores portugueses passaram por Stamford Bridge, incluindo Deco, Maniche, ou Bosingwa.

Vários anos depois, o dinheiro já não é russo, mas os americanos colocam novamente Portugal na rota do clube – com Jorge Mendes no centro do negócio.

Boehly, coproprietário de equipas de basquetebol (Los Angeles Lakers e LA Sparks) e de basebol (LA Dodgers), revelou que Portugal e Bélgica seriam os alvos preferenciais para a aquisição de novos clubes. Os dois países têm as respetivas ligas fora do “Big 5” (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália) mas, sendo conhecidas como “viveiros” de talentos, são dois dos mercados que mais jogadores transferem para o conjunto dessas cinco ligas.

O novo “chairman” do Chelsea, de acordo com o Telegraph, já se reuniu com o empresário português para avaliar possibilidades, embora ainda não se saiba que clubes farão parte do novo conglomerado do futebol europeu.

A lógica subjacente não varia daquela que ocorre, por exemplo, no Manchester City: “O desafio é que, quando temos estrelas de 18, 19 ou 20 anos, podemos emprestá-las para outros clubes mas colocamos o seu desenvolvimento nas mãos de outros”, disse Boehly numa conferência financeira em Nova Iorque na semana passada. “O nosso objetivo é ter certeza de que podemos mostrar caminhos para as nossas jovens estrelas, para os fazer chegar ao Chelsea, enquanto lhes damos tempo de jogo real.” ■

VÍTOR RODRIGUES OLIVEIRA



Se isto começar a ser bem pensado, eles vão começar a buscar quadros aos clubes portugueses.

LUÍS MIGUEL HENRIQUES

Advogado



Um jogador formado no Farense, em vez de Benfica, Porto ou Sporting, se calhar, vai para o Chelsea.

MIGUEL FARINHA

Partner da EY

Boavista, Tondela e Viseu na rota dos grupos



Fonte: KPMG

Em Portugal há vários casos de clubes detidos por investidores estrangeiros que concentram várias equipas na Europa e noutras paragens.

Um dos casos mais recentes é o do Boavista, que foi comprado por Gérard Lopez. O empresário espanhol e luxemburguês, que já deteve o Lille e uma equipa de fórmula 1 (a Lotus F1), é dono neste momento do Bordéus, o histórico clube que tem seis campeonatos franceses no palmarés, dois deles com Chalana na década de 80, e cujo estádio pode levar mais de 40 mil adeptos.

O clube atravessa um mau momento, depois de ter descido à segunda divisão na última época, embora isso não o tenha impedido de concretizar a primeira transferência definitiva entre os dois clubes – o Bordéus comprou o passe de Alberth Elis, avançado hondurenho que já tinha sido emprestado pelo Boavista aos franceses na época anterior (acompanhado por Ricardo Mangas).

No total, a transferência consumou-se por 6 milhões de euros, segundo o site especializado em transferências Transfermarkt, ou seja, a quarta maior aquisição do Bordéus na última década – e a maior venda de

sempre do Boavista – acontece quando o clube francês desce à segunda liga. Mas nenhum dos dois clubes confirmou o valor.

A juntar a Boavista e Bordéus, Gérard Lopez chegou a controlar também o belga Mouscron, que servia de clube satélite para o Lille. Tal como os axadrezados, que tiveram nas suas fileiras, em 2020/21, três jogadores emprestados pelo clube francês.

Outro caso dos últimos anos é o Tondela, que passou a ser propriedade do chinês Jiang Lizhang em 2017, através do Hope Group. Este conglomerado tem ainda o controlo do Granada (Espanha) e de duas equipas chinesas, uma delas da primeira divisão. E uma parte minoritária da italiana Parma (que chegou a controlar).

Também em escalões inferiores há exemplos de clubes que se integram nesta lógica de conglomerados. O Académico de Viseu foi vendido no ano passado ao grupo alemão Hobra, especializado em investimentos desportivos e que está ligado ao Hoffenheim. E, por isso, neste momento, o clube português, que milita na Segunda Liga, tem três jogadores daquela equipa germânica. E outros três vieram de outros clubes da Alemanha.

Há ainda o caso de Idan Ofer, que detém 33% do Atlético de Madrid e, em 2018, assumiu o controlo do Famalicão, primeiro com 51%, depois passando, em 2019, para 85%.

E a tendência não deve parar. No ano passado, o diretor desportivo do Nice, Julien Fournier, revelou que um dos objetivos da Ineos, que detém o clube do sul de França, é adquirir uma equipa do futebol português. ■

VÍTOR RODRIGUES OLIVEIRA

6

TRANSFERÊNCIA

O Boavista vendeu o avançado Alberth Elis ao Bordéus, outro dos clubes detidos por Gérard Lopez. O valor é estimado em 6 milhões de euros.